

A QUESTÃO DA ESTÉTICA –

Por: Paulo Roberto Monteiro de Araujo.

AULA – PÓS-GRADUAÇÃO – EAHC -2012.

Em meados do século 18 a Estética se converte na disciplina filosófica da moda, segundo Simón Marchán Fiz, em seu livro *La estética em La cultura moderna* (p.11- *La autonomía de La estética em La Ilustración*). Fiz faz tal afirmação a partir das determinações do Iluminismo. Temos que lembrar que é no seio do Iluminismo em que se desenvolve de maneira contundente o conceito de autonomia. O que, então, significa tal autonomia para além da razão, isto é, da razão se processando em si mesma, independente de elementos externos de qualquer ordem? Tal autonomia para além da razão se vincula ao sensível, no que se refere ao gosto, ao sentimento, sensação. Cabe lembrar que a palavra “estética” vem do grego *aísthesis*, que significa sensação, sentimento (Rosenfield. *Estética*, p.7).

Com salienta Rosenfield:

“Diferentemente da poética, que já parte de gêneros artísticos constituídos, a estética analisa o complexo das sensações e dos sentimentos, investiga sua integração nas atividades físicas e mentais do homem, debruçando-se sobre as produções (artística ou não) da sensibilidade, com o fim de determinar suas relações com o conhecimento, à razão e a ética. A questão básica gira em torno do problema do gosto: nossos juízos de valor e preferências quanto às coisas sensíveis são meramente subjetivos e arbitrários? As regras de gosto seriam meras convenções, normas impostas pelas autoridades de grupos ou indivíduos? Ou haveria no gosto um elemento racional ou uma capacidade autônoma de perceber e julgar?” (Rosenfield, p.7).

Voltando a Fiz que faz um pequeno apanhado dos nomes que vão desenvolver o conceito de estética:

Alexander G. Baumgarten batiza em latim a nova disciplina em sua “Aesthetica” (1750), e seus discípulos, como G. F. Meier ou M. Mendelssohn, se encarregam de divulgar em alemão seus ensinamentos. Se isto ocorre na Alemanha, durante a mesma década na Inglaterra Edmund Burke traz à luz A Indagação filosófica sobre a origem de nossas ideias acerca do sublime e do belo (1756), David Hume A norma do gosto (1757) ou A. Gérard O ensaio sobre o gosto (1759), termo sinônimo de estética. Anteriormente, na França, o Padre André, no Ensaio sobre o belo (1741), introduz uma problemática que se filtra na Enciclopédia através de Diderot, D’Alembert ou Votaire. Se bem que não encontramos ainda em sua primeira edição a voz “Estética” nem em dicionários monumentais, como o Grande Léxico Universal (1735), ou nos tão ambiciosos dicionários, como o Dictionnaire de Trévoux (1771), e tal termo só será agraciado com todas as honras na Teoria Geral das Belas Artes (1771-1772), do alemão J. G. Sulzer, uma espécie de grande enciclopédia de todos os saberes estéticos do século, e, pouco depois, se tornará consagrada na segunda edição da Enciclopédia (1778). Ao mesmo tempo, a nova disciplina alcança grande popularidade através de canais, tão peculiares a esse período, como as revistas – primeiro na Inglaterra, como The Spectator ou The Guardian, e, depois, em toda Europa -, os salões (pintura e escultura) na França ou a ensaística francesa e alemã. A estética, deste modo, se torna conhecida através daqueles canais que desde então conhecemos como opinião pública, uma das grandes conquistas da Ilustração. (daí os movimentos artísticos ganharem uma dimensão abrangente no que se refere ao sócio-cultural).

Ao apresentar o processo de consolidação da estética como disciplina no cerne da Ilustração, Fiz se pergunta se não havia a Estética antes da mesma. É claro

que a preocupação com a estética já vinha desde a antiguidade. Lembremos da doutrina do belo, em Platão, embora, tal doutrina está ligada diretamente à sua filosofia e à sua teoria das Ideias. Sendo assim é o pensamento de Platão que determina a Estética, sem ser uma disciplina em si mesma. E como salienta Marc Jimenez “podemos, sem receio de anacronismo, falar de “estética platônica”; com uma condição, contudo: é preciso ter presente no espírito não um domínio delimitado, uma disciplina constituída, mas o conjunto das considerações que Platão consagra tanto à determinação da essência do Belo, à definição da imitação quanto ao papel da arte na Cidade” (Jimenez – O que é Estética, p. 21). Daí a idéia de um Belo ideal, absoluto, transcendente, tal como o concebe Platão, não preocupa a estética contemporânea (Jimenez, p.23). Cabe lembrar, ainda, em contraponto ao pensamento do Ideal de Belo, que, segundo Jimenez, a antropologia da arte nos ensina que o belo, assim como aquilo que é considera feio, são valores relativos não somente a uma cultura, a uma civilização, mas também a um tipo de sociedade, a seus costumes, à sua visão de mundo, em um dado momento de sua história (Id. p. 23).

A estética como disciplina, nascida no seio da Ilustração, século XVIII, se define, então, como ciência (no sentido proposto por Baumgarten, fundada em uma lógica do sensível) e como filosofia da arte. Deste modo, não somente os filósofos, mas também os artistas, os amadores de arte, os árbitros das artes – na época da Ilustração era o nome dado aos críticos de artes -, o público esclarecido dos primeiros salões de pintura e de escultura, todos dispõem de um sistema de noções, de conceitos, de categorias ao qual é possível referir-se. Tal sistema circunscreve um espaço teórico, um verdadeiro espaço epistemológico no qual se podem falar e se compreender, mas também se afrontarem e se contradizerem, os que querem tratar de estética (Id. p. 23).

O SENSÍVEL COMO OBJETO

Na linha de pensamento de Jimenez, a fundação da estética como disciplina autônoma significa que o domínio da sensibilidade torna-se objeto de reflexão. Sendo assim o domínio da sensibilidade ganha status no pensamento ocidental. Reconhece-se que a intuição, a imaginação, a sensualidade, até mesmo a paixão podem dar acesso a um conhecimento. Não são mais consideradas “mestras de erro e de falsidade”, mas como faculdades cognitivas (Jimenez, p. 23 e 24). Eis o motivo da dimensão sensível entrar, por assim dizer, em uma espécie de harmonia com a razão, no sentido de conciliar o dualismo fundamental do homem constituído de natureza e de cultura. Daí o programa de educação ao qual é submetido Emílio, do “romance” de Jean-Jacques Rousseau, responder a este ideal de equilíbrio entre razão e sensibilidade. Também Friedrich von Schiller procura tal ideal em suas Cartas sobre a educação estética do homem (id. p. 24). A estética, então, como disciplina possibilita ao homem ocidental em seu nascedouro na moderna ilustração do século XVIII o domínio do homem ilustrado sobre a realidade. Contudo, a estética como dimensão das determinações do sensível não segue, apesar da busca da conciliação, os mesmos caminhos da razão ilustrada que tende ao desenvolvimento de si mesmo como ciência e técnica.

OS CAMINHOS DA ESTÉTICA E DAS CIÊNCIAS – A HISTÓRIA DA SENSIBILIDADE.

Embora a educação estética seja um ideal, este não significa que ser realizável como no caso das ciências e das técnicas, cuja base racional tem como fim a contundência da realização de seus ideais. A estética em sua autonomia como disciplina não se opõe aos avanços da racionalidade científica. Como salienta

Jimenez, a tarefa conferida ao homem por Descartes, a de tornar-se dono e senhor da natureza graças à ciência físico-matemática, continua irresistível.

Não pretendo dominar as coisas e o mundo, uma história da estética é concebível com a condição de dar a este termo um sentido amplo: ela seria não a história sobre o belo ou sobre as obras, mas a história da sensibilidade, do imaginário e dos discursos que procuram valorizar o conhecimento sensível, dito inferior (lembrando de novo Baumgarten – a lógica estética é a lógica menor), como contraponto ao privilégio concedido, na civilização ocidental, ao conhecimento racional. Deste modo, tal história da sensibilidade parece desenrolar-se paralelamente à história da racionalidade. No entanto, ela não é escrita e narrada no mesmo sentido, nem com a mesma continuidade: assim como a história da razão descreve um movimento linear que assimilamos, mesmo de modo problemático, ao progresso da mesma forma a história da estética, revela-se através das **rupturas** sucessivas que a sensibilidade não cessa de opor à ordem dominante da razão (Id. p. 25). Jimenez diz que não se deve partir de um ponto alfa no propósito de designar uma pretensa origem do pensamento estético. Como ele afirma:

“Nossa história começa na primeira ruptura marcante na evolução da reflexão sobre a arte, isto é, na Renascença. Este “vasto movimento de renovação intelectual”, como dizem os dicionários, é baseado parcialmente na imitação dos antigos; ele dá acesso também à emancipação religiosa da Reforma e da Contra-reforma. Ao mesmo tempo, ele é acompanhado por uma tomada de consciência do poder do indivíduo, de sua capacidade de emancipação em relação às concepções da Idade Média. Esse processo desemboca, no século XVIII e início do século XIX, no reconhecimento da autonomia estética em seu sentido moderno”. (Jimenez, p. 25 e 26)

No entanto, a história das rupturas do sensível, traz um risco em si mesmo. De uma ruptura entre a arte e o público. Deste modo, “um novo desafio espera a

estética: o reconciliar, tanto quanto possível, as provocações dos artistas e o gosto de seus contemporâneos. Este desafio é sempre atual” (Jimenez, p. 27). Daí, Jimenez concluir que o atraso da estética não é uma desvantagem; chegar depois das obras significa que ela não se apressa, para refletir sobre a sua história passada e presente. No momento em que a arte perde hoje todos os seus referenciais e os seus critérios, tal atraso pode ser considerada um privilégio.

BIBLIOGRAFIA:

FIZ, Simón Marchán. La estética em La cultura moderna. Madri. Alianza Editorial, 1996.

JIMENEZ. Marc. O Que é Estética? São Leopoldo. Editora Unisinos, 2006.

ROSENFELD, Kathrin H. ESTÉTICA. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2006.